

A IGREJA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA NO FUNCHAL
Tradição e Modernidade na Obra de Raúl Chorão Ramalho na Madeira

Jani Anjo Travassos Freitas

Clara Pimenta do Vale

Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura da
Universidade do Porto

A arquitectura popular é hoje reconhecida como parte fundamental para o estudo e compreensão física e cultural de um território. Este reconhecimento, porém, é relativamente recente, se considerarmos que há pouco mais de meio século não existia ainda um significado unânime quanto ao tema – efectivamente, o que o mesmo traduzia, como se manifestava, e de que forma poderia ser integrado na produção contemporânea era alvo de discórdia acesa, se não mesmo de polémica, nas diversas camadas intelectuais, e especialmente entre os arquitectos. Em Portugal, esta temática tem sido estudada e questionada ao longo de mais de um século. Se hoje em dia temos uma noção quase imediata quando se pensa em arquitectura popular, isto foi devido a vários estudos e acontecimentos, directa ou indirectamente relacionados com o tema, que ocorreram durante mais de um século, com especial foco para os anos 50 e 60 do século XX, quando se elaborou o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal.

Nenhum destes estudos envolveu, na época, as regiões insulares de Portugal. Só mais recentemente, nas décadas de 80 e 90, foi alargado este trabalho de documentação, caracterização e análise aos Arquipélagos dos Açores e da Madeira, pelo trabalho de Victor Mestre, num espírito de continuidade com o Inquérito. No entanto, apesar das Ilhas não terem sido incluídas no Inquérito, não foi por isso que se deixaram de lá sentir as suas repercussões.

Na Madeira, esta temática vai ser introduzida essencialmente através de Raúl Chorão Ramalho, um arquitecto assumidamente modernista, inserido na geração contestatária dos anos 50, com vasta obra em Portugal Continental e Ilhas, em Macau e em Brasília. A ele deve-se não só a primeira abordagem neste âmbito na Madeira, como também a reintrodução do Modernismo na Ilha, após uma primeira vaga incipiente na década de 30,

logo interrompida pela imposição de ideais arquitectónicos do Estado Novo, no chamado estilo «Português Suave».



1. Raúl Chorão Ramalho

O ARQUITECTO

Raúl Chorão Ramalho, como tantos outros da sua geração, começou a estudar Arquitectura em Lisboa, mas cedo se transferiu para a Escola de Belas Artes do Porto. Dois anos depois, entrava para a escola como docente Carlos Ramos, em cujo atelier Chorão Ramalho vai colaborar posteriormente. Aí vai conhecer Nuno Teotónio Pereira, na altura tirocinante no atelier, que vai ver em Chorão Ramalho, segundo suas palavras, *“um irmão mais velho, cujo conselho era sempre de grande proveito.”*¹

Ainda antes de terminar o curso, já tinha estabelecido contacto directo com Keil do Amaral quando trabalhou na Câmara Municipal de Lisboa. Este conhecimento será uma das razões do seu papel importante na formação e direcção do grupo Iniciativas Culturais de Arte e Técnica. Enquanto membro do grupo vai participar no Congresso de 48, sem apresentar nenhuma comunicação mas absorvendo as questões que nele se levantavam. Dois anos mais tarde estabelece atelier em parceria com Manuel Tainha, Nuno Teotónio Pereira, Manuel Alzina de Menezes e Bartolomeu da Costa Cabral, mas trabalhando independentemente. Desta forma, foi-lhe possível manter-se a par dos trabalhos em curso quer do Inquérito, quer do Movimento de Renovação de Arte Religiosa, partilhando dos seus pressupostos, que de resto já vinha explorando na suas obras.

Chorão Ramalho vai para a Madeira a convite do Ministério das Obras Públicas para trabalhar na Direcção Geral de Serviços de Urbanização e se encarregar do estudo das redes de água madeirenses. Deparando-se com uma paisagem fortemente humanizada, marca da herança cultural de uma Ilha que, povoada de raiz, ostenta grandioso valor patrimonial, Chorão Ramalho desde cedo se apaixona pela “Pérola do Atlântico», prolongando a sua estadia na região.

¹ Pereira, Nuno Teotónio. (1996) *Chorão Ramalho: a Obra e a Pessoa*. In: *Escritos (1947-1996 selecção)*. FAUP Publicações. Porto. p. 306



2. Socalcos Agrícolas



3. Levada da Ponta do Sol



4. Levada do Norte

O LUGAR

Partilhando dos mesmos interesses do Inquérito, e defendendo que *“nem os arquitectos modernos desprezam a tradição, antes a consideram uma fonte de informação necessária para a realização de uma arquitectura viva, no tempo e no espaço”*², terá efectuado a sua própria inquirição à Ilha, fotografando constantemente as magníficas paisagens que encontra, desde as naturais, intocadas pelo Homem, às humanizadas, que revelavam sempre uma íntima ligação com a terra.

Desta inquirição terá absorvido várias lições, tendo como referência os principais elementos identificadores de acção do Homem na paisagem: os socalcos agrícolas; as levadas; e as casas que, pelo seu número e dispersão no território, constituem também elas, uma marca característica da presença do Homem na Ilha.

Os socalcos, denominados localmente por poios, constituem uma primeira resposta do Homem face às dificuldades impostas pelo relevo acidentado da Ilha, quando o aumento da população e da produção agrícola obrigaram os povoamentos, que inicialmente se instalavam junto à costa, a ocupar as cotas mais altas. Não são mais do que trechos de terrenos contidos por muros de suporte em aparelho de pedra basáltica da região, solução engenhosa que permitiu domar e moldar a terra, e que marca, ainda hoje, fortemente a paisagem.

A água foi outro elemento que o Homem teve de domar para a exploração agrícola da Ilha. De forma a transportar a água que caía abundantemente na encosta Norte para a costa Sul, os madeirenses construíram as tão famosas levadas. As levadas são sistemas de irrigação que cruzam todo o comprimento e largura da Ilha, constituídas por cerca de 2000 km de canais e 50 km de túneis. Durante muito tempo, era através delas que se estabelecia a comunicação entre os vários povoamentos, já que só no início do século XX é que se construíram estradas dignas desse nome. A levada mais antiga de que se tem informação, com registos desde 1562, será a dos Piornais, perto da actual zona hoteleira do Funchal, com 11 km de extensão.

² Ramalho, Raúl Chorão. (1953) *A Arquitectura Moderna em Portugal*. Jornal Ler, Jornal de Letras, Artes e Ciências, nº 13. Lisboa. p. 7



5. Casa elementar de cobertura de colmo, Camacha



6. Casa elementar de cobertura de telha, Fajã da Ovelha



7. Latada, Machico

Em relação à casa popular madeirense, notamos que, apesar da diversidade de tipologias e modelos habitacionais existentes, há uma certa individualidade corrente, que lhes garante uma imagem tipicamente madeirense. Comum a todas será a íntima relação que mantém com a Natureza, manifestada nos espaços exteriores das latadas, dos jardins, das hortas e pomares, das bananeiras, e da vinha, que na Madeira se produz elevada do chão em pérgolas.

São geralmente despojadas de ornamentos: será o uso de alguns materiais, normalmente no seu «estado puro» que, associados às suas próprias técnicas de construção, fixaram uma imagem tipificada da casa madeirense que se associa à tradição. *“Referimo-nos ao beiral e à sub-beira em cerâmica vermelha, ou à palha (onde, em casos especiais surgem os bonecos na zona de amarração superior da cobertura), às cantarias de molduras de vãos, socos, cunhais (no caso madeirense, com especial destaque para o uso do tufo avermelhado) e à própria cal, cuja brancura tanto caracteriza a nossa arquitectura.”*³

Em madeira, normalmente pintada a verde-garrafa, surgem os tapa-sóis em ripas horizontais; e em alvenaria, as chaminés, que recebem grande destaque, sendo as mais antigas robustas, com aberturas rectas, erguidas sobre o forno, interior ou exterior.

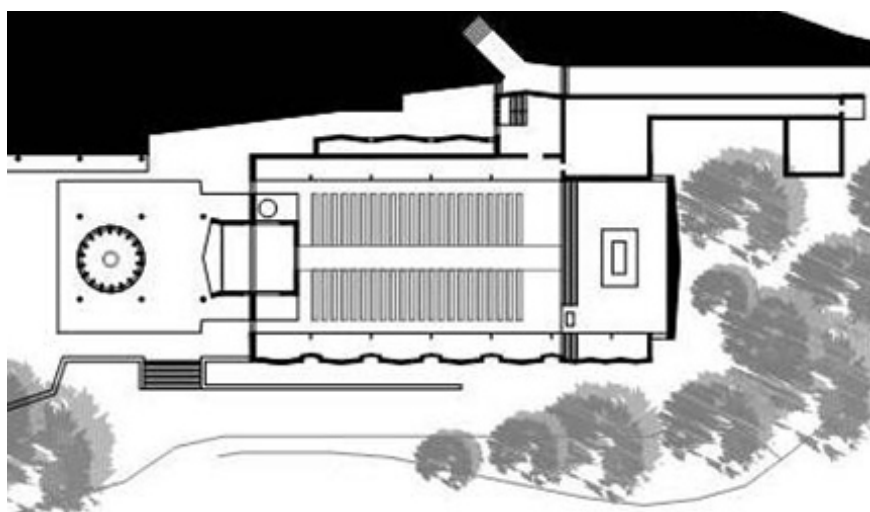
Exteriormente, os quintais das casas são pavimentados em empedrado de calhau rolado do mar, e, mesmo quando são de dimensões reduzidas, nota-se sempre uma cuidada atenção dada à vegetação. Existem sempre imensas flores dispersas pelo quintal, e muitas vezes aparecem mesmo dispostas por toda a fachada, desde os vãos à cobertura que, em conjunto com a cor, reproduzem na arquitectura a alegria muito própria com que o madeirense encara os seus dias de trabalho árduo e persistente.

É nesta leitura que Chorão Ramalho vai buscar referências quando projecta as suas obras para a Ilha, resultando composições modernas, profundamente dentro da sua época, mas que aceitam aspectos da tradição local.

³ Mestre, Victor (2002) *Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum: Lisboa. p. 182



8. Igreja do Imaculado Coração de Maria – Fachada Principal



9. Planta piso térreo

A IGREJA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA NO FUNCHAL

A Igreja do Imaculado Coração de Maria, com projecto inicial de 1955, é um lustroso exemplo desta tentativa de articular tradição e modernidade, conceito a que Chorão Ramalho se dedica especialmente na Ilha da Madeira.

Pela escala e programa que o edifício propõe, a relação com a arquitectura popular manifesta-se de forma não tão óbvia como em outras obras do arquitecto, mas é evidenciada por certas subtilezas que lhe garantem uma harmoniosa inserção no contexto local, e mais que isso, uma certa familiaridade que invoca um carácter madeirense.

Curiosamente, é uma das suas obras menos conhecidas, e é precisamente por a acharmos merecedora de maior divulgação e destaque, que a elegemos como objecto principal deste estudo.

A Igreja do Imaculado Coração de Maria encontra-se localizada num espaço amplo e declivoso, situado a meia encosta do anfiteatro que domina a baía do Funchal, no cruzamento da Rua da Levada com a antiga Estrada Nacional para o Monte, actual Estrada dos Marmeleiros.

Espacialmente, é constituída por uma nave única, e, numa reinterpretação das naves laterais, por duas galerias com expressão volumétrica no exterior. Na galeria da fachada Sul, virada à cidade, estaria prevista a aplicação de baixos-relevos em betão armado que o arquitecto teria encomendado a Armândio de Sousa, de forma a, num espírito de continuidade, e expresso na memória descritiva, *“retomar a orientação característica da arquitectura religiosa da Idade Média, - no Românico e no Gótico – em que se atribuía às artes plásticas figurativas, um papel decorativo e ao mesmo tempo didáctico, constituindo um meio de comunicação com o grande público.”*⁴

⁴ Ramalho, Raúl Chorão (1957) *Projecto do Templo do Imaculado Coração de Maria*. Memória Descritiva.



10. Vista do interior da Nave



11. Vista interior da cobertura



12. Vista exterior da cobertura

Ao entrarmos no templo, toda a atenção é direccionada para a parede da cabeceira revestida a cantaria regional formada por tufos vulcânicos (denominados localmente por “tufas”) de duas tonalidades, que formam listras horizontais avermelhadas e arroxeadas.

Grande destaque recebe também a cobertura do templo em betão aparente, formada por vários planos movimentados que conferem uma luminosidade uniforme a todo o espaço da nave, alinhados pelos imensos panos brancos das paredes laterais, separados dos elementos estruturais por rasgos verticais envidraçados.

Estes rasgos desempenham um papel secundário na iluminação da nave, tendo como principal função o enriquecimento e suavização da extensa superfície dos panos, independentes da estrutura.

Por sua vez, as frestas que rematam as paredes junto à cobertura têm por objectivo ventilar permanentemente o edifício, solução que o arquitecto considerou conveniente para o clima local.

No exterior, a fachada principal termina em empena encimada por uma cruz de desenho depurado e sóbrio e, tal como a parede da cabeceira, encontra-se revestida a cantaria regional, e solta das paredes laterais através de rasgos verticais compostos por vitrais coloridos de desenho geométrico.

A riqueza do espaço da entrada não se encontra assim no desenho da fachada, que não apresenta nada de ostensivo, mas na construção inovadora que lhe precede – uma espécie de alpendre (ou, segundo a designação de Manuel Gaspar de Freitas, um “*exonártex*”⁵) em betão aparente que integra o baptistério exterior – e a sua relação com todo o adro da Igreja. O facto de estar alinhado com o eixo central e elevado na cobertura demonstra a valorização dada a este elemento; e o facto de estar no exterior valoriza a abertura da Igreja à participação dos fiéis, trazendo o local do primeiro sacramento para o seio da comunidade, como que convidando-a a celebrar a entrada no mundo cristão, e, desta forma, dando seguimento aos pressupostos do Movimento de Renovação de Arte Religiosa, liderado por Nuno Teotónio Pereira.

⁵ Freitas, Manuel Gaspar de (2010) *A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira*. Editorial Caleidoscópio. Casal da Cambra. p. 43



13. Vista do Baptistério exterior



14. Vista do adro



15. Vista da entrada



16. Vista do galeria exterior no adro



17. Casa Paroquial



18. Casa Paroquial

O baptistério exterior evoca ainda a preocupação com a relação interior/exterior, aqui tido como o momento de transição entre o mundo profano e o sagrado, seguindo a lógica de que o fiel, antes de integrar no mundo cristão, tem de realizar primeiro o baptismo.

Ainda de referir desta construção é a cobertura do alpendre em betão aparente, de desenho expressivo, quase escultórico, que penetra no interior da nave para dar suporte ao coro alto e, na transição entre um espaço e outro, cobertura a um vestíbulo (espécie de “*endo-nártex*”⁶). O vestíbulo, pavimentado com o mesmo material do adro e praticamente todo envidraçado, apenas ladeado por duas paredes movimentadas numa abertura para o exterior, idênticas às que Fernando Távora utiliza na marcação das entradas do restaurante do posto de abastecimento em Seia (1958-60), evidencia o prolongamento do exterior para o interior, um conceito fortemente explorado por Chorão Ramalho na Ilha.

A limitar o adro em frente à entrada do templo, surge a casa paroquial. A ligação entre os dois edifícios é feita a partir de uma galeria coberta encostada ao muro da propriedade vizinha a Norte. Esta cobertura, idêntica à do alpendre do templo e suportada por pilotis, participa directamente na conformação do adro, como se de um claustro se tratasse, onde o baptistério é o seu centro espiritual.

A casa apresenta duas frentes diversificadas, num diálogo coerente quer com o espaço do templo, quer com as casas da rua que lhe fica em frente. A fachada voltada à rua, de dois pisos, apresenta varanda com floreira na base, bem ao gosto madeirense, e aberturas protegidas pelos tradicionais tapa-sóis verde-garrafa; já a frente voltada ao adro é composta por panos movimentados idênticos aos das fachadas laterais da Igreja.

Para melhor se integrar na envolvente, a cobertura da garagem é ajardinada, numa continuação dos jardins que envolvem o adro, tratados em socalcos suportados por muros de pedra basáltica, em memória dos tradicionais poios agrícolas.

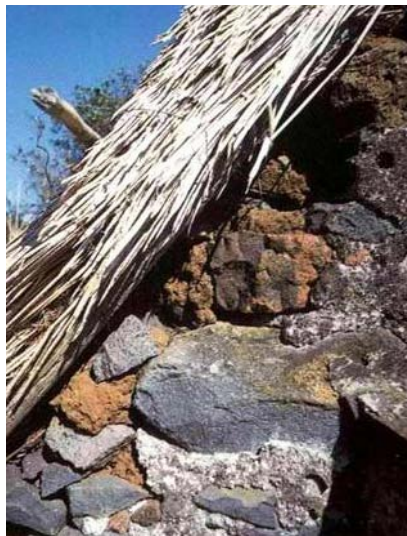
⁶ Freitas, Manuel Gaspar de (2010) *A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira*. Editorial Caleidoscópio. Casal de Cambra. p. 43



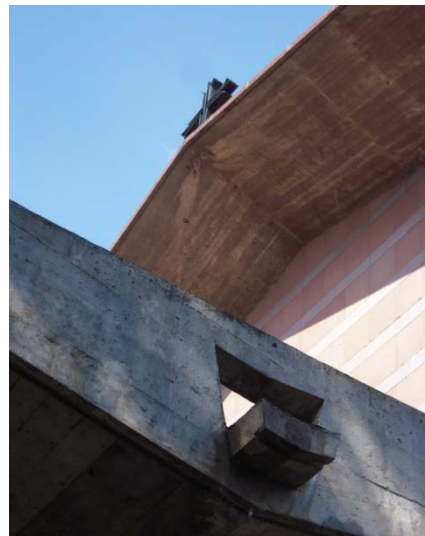
19. Torre Sineira



20. Fachada Norte



21. Materiais - tufo e basaltos nas casas populares



22. Materiais – tufo e betão



23. Materiais - pavimento em calhau rolado do mar



24. Materiais – calhau rolado do mar e placagem de betão

A torre sineira tem a forma de um paralelepípedo esguio, e repete a composição do templo, quase como uma síntese do conjunto: panos brancos laterais; uma grelha moderna em betão voltada a Sul; e a cantaria vermelha no plano virado a Norte que, à semelhança das paredes de cantaria do templo, se separa da estrutura através de um rasgo vertical, aqui para receber os sinos.

Desta forma, a Igreja do Imaculado, depurada e sóbria, caracterizada plasticamente pelos elementos estruturais e pela manipulação dos materiais tradicionais, segue os pressupostos do Movimento de Renovação de Arte Religiosa, que baseavam “as condições da arquitectura cristã no espírito do evangelho: «Pureza-Verdade-Pobreza-Paz», em tudo se aproximando ao sentido de pureza, de verdade dos materiais, de simplicidade e de rigor da arquitectura moderna.”⁷

Para um arquitecto preocupado com a relação com o contexto local, esta simplificação fazia duplamente sentido, uma vez que, como já vimos, a arquitectura madeirense é, no geral, despojada de ornamentos, sendo a sua imagem global caracterizada, tal como na Igreja, pela expressão plástica dos materiais utilizados.

É o caso do emprego da cantaria de duas tonalidades no templo, que pode sugerir uma interpretação moderna do modo como se aplicava este material na arquitectura popular. Tradicionalmente, “basaltos e tufos formam uma mescla de cores e texturas e surgem isolados ou agrupados, denunciando a qualidade construtiva das casas.”⁸ Chorão Ramalho recria esta mistura aleatória de pedras de diferentes qualidades e texturas em desenho geométrico e rigoroso, formando listras que contribuem para a expressividade plástica do edifício.

No geral, a cantaria – consideremos o material “popular” ou “tradicional” – aparece sempre em relação com o betão aparente da estrutura – o material “moderno”.

O mesmo acontece no tratamento dos pavimentos exteriores, constituído por materiais e técnicas diferentes – a placagem de betão e o empedrado de calhau rolado do mar, mais uma vez o material “moderno” e o “tradicional” –, que surgem alternados numa composição dinâmica e geométrica.

⁷ Tostões, Ana (2004) *Em direcção a uma Arquitectura Religiosa*. In: [S.N] *Arquitectura e cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira*. Catálogo de Exposição. Quimera. Lisboa. p. 30

⁸ Mestre, Victor (2002) *Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum: Lisboa. p. 193

A combinação dos vários materiais, na sua conotação tradicional ou moderna, revela assim a vontade de fundir estas duas linguagens, afinal de contas não tão distantes como se poderia pensar.

De referir ainda que, para a manipulação dos materiais tradicionais, Chorão Ramalho geralmente chamava para colaborar nas suas obras artesãos, calceteiros e mestres locais, tirando partido da expressão plástica própria das técnicas construtivas locais, e fazendo aplicar os materiais seja na sua expressão popular seja numa expressão contemporânea, e promovendo assim, um intercâmbio de conhecimentos e culturas.



25. Capela-Ossário do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias



26. Igreja do Porto da Cruz



27. Sé do Funchal

Também a utilização da cor na Igreja parece revelar uma sábia compreensão do território. “Na Ilha da Madeira a cor é um elemento com forte ligação à arquitectura, surgindo como um complemento valorativo, talvez numa tentativa de «condimentar» a expressão austera e a ausência de decorativismos nas construções.”⁹ Tal facto não passa despercebido a Chorão Ramalho que não se limita a aplicar um qualquer material da região nas suas obras, escolhendo-os segundo relações mais profundas.

Se analisarmos os seus três edifícios religiosos na Ilha veremos que na Capela e Ossário do Cemitério das Angústias (1950) e na Igreja do Imaculado Coração de Maria a cantaria aplicada, natural da costa Sul da Ilha, é de tonalidade avermelhada e arroxeadada, cor muito abundante nos muros e casas que caracterizam a paisagem do Funchal.

Já na Igreja do Porto da Cruz (1949), localizada na costa Norte, junto ao mar, há uma preferência pela cantaria regional cinzenta, mais adequada ao ambiente da zona, naturalmente mais escura, tanto pelo clima, geralmente mais nublado e frio que na costa Sul, como pela própria composição da rocha que a configura.

Para além destes factores relacionados com a envolvente natural, a cantaria de tonalidades avermelhada e arroxeadada poderá ter uma conotação religiosa, marcada pela sua utilização na Sé do Funchal.

Curiosamente, as cores que compõem a Igreja do Imaculado Coração de Maria são as mesmas cores litúrgicas da Igreja Católica, fixadas em Roma no século XII, e vigentes desde então: os panos brancos da fachada, em contraste com os tons vermelhos, rosados ou arroxeados da cantaria regional; tudo em perfeita sintonia com a grande massa verde envolvente (que é também a cor do mármore do altar e do pavimento do percurso central, únicos elementos de cor no interior da Igreja). Não sei se este simbolismo foi intenção do arquitecto, mas se não o foi, como diria Távora a propósito de uma simples pedra em Taliesin, “*eu permiti-me encontrá-lo*”¹⁰, o que, numa época em que se procuravam estabelecer novas relações com a liturgia, seria certamente um simbolismo adequado.

⁹ Mestre, Victor (2002) *Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum: Lisboa. p. 207

¹⁰ “Ao lado da capela vi então um pequeno cemitério. Mais próximo da estrada a campa de Wright: pequenas pedras limitam um rectângulo envolvido por um círculo construído do mesmo modo; num dos vértices do rectângulo nasce da terra uma pedra, igual a tantas daqueles que ele usou nos seus edifícios, de forma irregular, mas cuja secção aumenta à medida que se levanta; não sei se há qualquer simbolismo naquela pedra, eu permiti-me encontrá-lo.”

Távora, Fernando (1993 [1960]) *Diário de Viagem: Abril, 9, Sábado, 1960*. In [S.N.] *Fernando Távora*. edit. Luiz Trigueiros. Blau. Lisboa.



28. Casa Bianchi, Funchal



29. Moradia Coronel Homem da Costa, Caniçal



30. Assembleia Legislativa Regional da Madeira



31. Hotel Madeira



32. Hotel Quinta do Sol

TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA OBRA DE RAÚL CHORÃO RAMALHO NA MADEIRA

Chorão Ramalho demonstrou na Igreja do Imaculado Coração de Maria o que o Inquérito, publicado anos mais tarde, viria a enunciar: que na cultura popular, com poucos recursos, e utilizando exaustivamente os mesmos materiais, se fazia uma arquitectura simples, mas muito harmoniosa; no fundo, que com *menos*, se conseguia fazer *mais*.

A sua obra, no entanto, não se esgota aqui, tendo projectado mais de meia centena de obras na Ilha, explorando consistentemente este conceito de articular tradição e modernidade.

Por exemplo, na casa Bianchi (1959) procurou estabelecer relações directamente ligadas à casa popular enquanto elo de ligação de um povo com a Natureza, reinterpretando o espaço vivencial exterior das latadas das casas rurais, os tradicionais poios madeirenses, e ainda as típicas “casinhas de prazer” que constituem uma vertente das casas de fresco dos jardins dos séculos XVII e XVIII, e que aparecem normalmente nas casas madeirenses mais abastadas.

Na moradia Coronel Homem da Costa (1965), de acordo com o ambiente árido e seco da zona em que se encontra, e compreendendo a atmosfera descontraída de uma casa de férias, colocou as escadas de acesso no exterior da casa, como se verifica em tantas casas populares madeirenses.

Na Assembleia Legislativa Regional (1982), um edifício para o povo, glorificou o trabalho árduo dos madeirenses na construção das levadas, através da introdução de canais que percorrem a cobertura, e caem em cascata para uma pequena lagoa em pedra basáltica, no Largo da Sé.

No Hotel Quinta do Sol (1967) e no Hotel Madeira (1970) utilizou exaustivamente os típicos tapa-sóis numa composição plástica expressiva, quase escultórica – no primeiro, na sua cor mais usual, o verde-garrafa, e no segundo no tom ocre, também característico da arquitectura madeirense.



33. Central Hidroelétrica da Fajã da Nogueira



34. Habitações para operários do Conjunto Hidroelétrico da Fajã da Nogueira



35. Paisagem do Funchal

Na Central Hidroelétrica da Fajã da Nogueira (1958) recriou os tanques de retenção de água que se encontram por toda a Ilha, denominados localmente por poços, e que duplicam a paisagem como se de espelhos de água se tratassem; e, ainda no mesmo conjunto, nas habitações para funcionários, reinterpretou a imagem dos telhados das casas que cobrem a paisagem madeirense, num conjunto expressivo e moderno.

Ora, por toda esta análise centrada no contexto local, pela obra deixada, e pela influência que provocou, e que certamente continuará a provocar, em arquitectos de gerações futuras, Chorão Ramalho constitui um dos nomes ligados à arquitectura com mais importância para a Ilha, e permanece, ainda hoje, no topo, com o maior número de projectos assinados e construídos na Madeira.

Para aqueles que desejarem compreender intimamente a obra de Raúl Chorão Ramalho, aconselhamos vivamente uma visita à Ilha, um verdadeiro “museu” detentor do legado deste arquitecto que deu um inegável contributo de qualidade à arquitectura portuguesa da segunda metade do século XX, mantendo-se como referência arquitectónica no presente e, seguramente, no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freitas, Manuel Gaspar de (2010) *A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira*. Editorial Caleidoscópio. Casal de Cambra.

Mestre, Victor (2002) *Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum: Lisboa.

Pereira, Nuno Teotónio. (1996) *Chorão Ramalho: a Obra e a Pessoa*. In: *Escritos (1947-1996 selecção)*. FAUP Publicações. Porto.

Ramalho, Raúl Chorão (1957) *Projecto do Templo do Imaculado Coração de Maria*. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão. (1953) *A Arquitectura Moderna em Portugal*. Jornal Ler, Jornal de Letras, Artes e Ciências, nº 13. Lisboa.

Távora, Fernando (1993 [1960]) *Diário de Viagem: Abril, 9, Sábado, 1960*. In [S.N.] *Fernando Távora*. edit. Luiz Trigueiros. Blau. Lisboa.

Tostões, Ana (2004) *Em direcção a uma Arquitectura Religiosa*. In: [S.N.] *Arquitectura e cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira*. Catálogo de Exposição. Quimera. Lisboa.

FREITAS, JANI ANJO TRAVASSOS & VALE, CLARA PIMENTA DO (2013) "**A Igreja do Imaculado Coração de Maria De Maria no Funchal. Tradição e Modernidade na Obra de Raúl Chorão Ramalho.**" In *Colóquio Internacional de Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez: 3 a 6 de Abril de 2013,